



HISTÓRIA(S) DA ARTE
HISTORY(IES) OF ART

AQUISIÇÕES RECENTES
NA COLEÇÃO DE SERRALVES

RECENT ACQUISITIONS
IN THE SERRALVES COLLECTION

EXPOSIÇÃO **EXHIBITION**

A exposição é organizada pela Fundação de Serralves.
This exhibition is organized by the Serralves Foundation.

A exposição tem curadoria de The exhibition is curated
by Isabel Braga.

Texto Text: Ricardo Nicolau

HISTÓRIA(S) DA ARTE **AQUISIÇÕES RECENTES** **NA COLEÇÃO DE SERRALVES**

Todos concordaremos: um museu não deve limitar-se a tentar ilustrar a história da arte do futuro (pelo menos se a entendermos como uma disciplina que tende a valorizar cânones e convenções ou que, em grande medida, se limita a fazer desfilar valores seguros, legitimados). As narrativas contadas pelos museus, nomeadamente através das exposições que organizam, devem acrescentar histórias àquelas que já são conhecidas, avançando novas perspetivas sobre o passado e hipóteses para se pensar o futuro. Além das exposições temporárias que apresentam, também as suas coleções contam histórias: histórias sobre a programação - passada, atual e futura (muitas obras são adquiridas na esteira de exposições, ou antecipam apresentações individuais de muitos dos artistas recém-integrados) -, sobre as preocupações fundamentais dos artistas em determinado período (que podem ser repensadas e reativadas em décadas posteriores), sobre a forma como cada museu entende a relação entre artistas de diferentes gerações (por exemplo estabelecendo diálogos e pontes entre obras e meios artísticos aparentemente afastados, irreconciliáveis).

O título desta exposição, *HISTÓRIA(S) DA ARTE: Aquisições recentes na Coleção de Serralves*, indica imediatamente que a Coleção de Serralves aposta em acrescentar histórias que possam contribuir para interrogar e reescrever a história da arte. Reunindo um número considerável de obras integradas na Coleção nos últimos quatro anos, a mostra apresenta uma grande diversidade de meios artísticos (desenho, colagem, fotografia, filme, escultura, instalação) e de gerações, espelhando, por um lado, a história da programação de Serralves (a forma como se tem tentado constituir núcleos representativos de obras de artistas que já expuseram em Serralves) e, por outro, novos caminhos, perspetivas inéditas - artistas cujas lingua-

gens e motivações vêm alterar a forma como olhamos e entendemos as obras entretanto colecionadas. Isto é o mesmo que dizer que uma coleção é um organismo vivo, sendo consideravelmente alterado a cada novo trabalho que nela é integrado. Ao invés de configurarem uma mera acumulação, as novas aquisições (daí a sua importância) representam uma significativa transformação na forma como o conjunto deve ser entendido.

Apesar da referida diversidade (de meios artísticos e de gerações), a exposição reflete algumas temáticas e preocupações que têm marcado a arte contemporânea dos últimos anos. Alguns exemplos: a integração de objetos quotidianos descartados (José Pedro Croft, Cabrita, Carla Filipe), a valorização da instabilidade, entropia e precariedade, em detrimento da ortogonalidade, simetria e essencialidade (Carlos Bunga, Adriano Costa, José Pedro Croft), a confusão premeditada entre história pessoal e memória histórica (Carla Filipe), a interrogação de modelos museológicos e historiográficos concebidos para conservar e apresentar o passado (Carlos Bunga), a atenção às condições elementares - luz, espaço, tempo - que permitem a perceção da nossa realidade circundante (Dayana Lucas, Marijke van Warmerdam), a relação de expressões artísticas nossas contemporâneas com manifestações da arte do passado, recente ou longínquo (Jorge Queiroz, Francisco Tropa, Adriano Costa).

A exposição abre com uma instalação da artista portuguesa **Carla Filipe** (Vila Nova da Barquinha, 1973), muito representativa de um trabalho que tem vindo a conjugar elementos autobiográficos e informações relativas a determinados movimentos políticos e sociais. Através de desenhos, colagens e têxteis em que a artista recorre às estratégias da apropriação e da acumulação, Filipe tem vindo a interrogar as virtudes do amorismo, do ostensivamente feito à mão e mesmo do aparentemente "mal feito". A instalação, composta por 10 grandes desenhos/colagens realizados pela artista du-

rante uma residência na Bélgica e expostos de uma forma que implica e tira partido da movimentação dos espectadores no espaço expositivo, explora as relações históricas entre Portugal e Antuérpia - nomeadamente a expulsão de judeus sefarditas no século XV (de 1492 a 1497), que viriam a estabelecer-se na cidade belga e cuja presença se revelou decisiva para o seu desenvolvimento cultural e financeiro. A pesquisa, que lhe permitiu perceber melhor a história do seu próprio país, materializou-se em grande medida em colagens e desenhos apropriados de (e inspirados em) cadernos escolares dos anos 1960 encontrados pela artista em mercados de artigos em segunda mão (particularmente presentes em Antuérpia). Que Carla Filipe tenha aqui decidido utilizar material pedagógico é particularmente sintomático de uma prática artística que tem interrogado permanentemente a forma como absorvemos inconscientemente os sistemas ideológicos que ditam “factos históricos”.

Uma vez entrados na sala de exposição propriamente dita, os visitantes deparam-se com uma escultura de **José Pedro Croft** (Porto, 1957), um dos artistas portugueses que mais tem explorado os limites e as definições daquele meio artístico. Depois de anos em que examinou e aplicou tipologias e materiais historicamente associados à escultura (monumento, gesso...), o artista ampliou o leque de matérias empregues (vidro, espelho, objetos industriais, mobiliário...) para interrogar a forma como o meio se pode afastar da constância da monumentalidade e relacionar-se antes com a instabilidade, a precariedade. Na iminência de um acidente ou já em estilhaços, são muitos os exemplos de obras que remetem para potenciais sinistros... Exatamente como esta pilha de portas encimada por um vidro em equilíbrio instável sobre uma cadeira.

O visualmente impactante “desastre anunciado” de José Pedro Croft dialoga com uma das peças mais discretas da exposição: uma escultura de **Francisco Tropa** (Lisboa,

1968) que é “apenas” uma pequena maçã passada a bronze, hiper-realista e suspensa no ar. Tal como Croft, Tropa também tem explorado as propriedades, técnicas e matérias classicamente associadas à escultura (moldagem, fundição, bronze, madeira), no caso deste artista com o objetivo de decantar a obra de arte até no-la apresentar como uma manifestação elementar e atemporal. A maçã ligeiramente tocada, que nos remete imediatamente para vanitas e naturezas mortas, confronta-nos tanto ou mais que o aparatoso colapso potencial mesmo ao lado, e isto apesar da sua aparente humildade (quase invisibilidade), com a ideia de finitude.

Bronze e fundição são material e técnica que também encontramos nas esculturas do artista brasileiro **Adriano Costa** (São Paulo, Brasil, 1975). Durante muitos anos exclusivamente associadas a materiais comuns, domésticos, descartados, com os quais engendrava composições elementares, as esculturas do artista agora apresentadas representam uma inflexão no seu trabalho, denunciando de forma mais vincada um interesse pela tradição escultórica (patente desde logo nos materiais usados: bronze, ferro e madeira). A associação formal a movimentos artísticos como o minimalismo é porém enganadora: na altura de “compor”, o artista aposta em progressões geométricas intuitivas, qualidades musicais, orgânicas. O objetivo passa por combinar solidez e fragilidade. Exatamente como José Pedro Croft, Costa privilegia a instabilidade, o potencial colapso e a antimonumentalidade, em detrimento da segurança e da permanência. Prova cabal disto mesmo são as instruções de montagem associadas às peças, em que o artista reclama uma total mobilidade e independência de cada elemento, que embora pertencendo teoricamente a determinada obra pode ser integrado nouro conjunto. Ao referir-se à composição das suas esculturas como se se aplicasse em instruções coreográficas, Adriano Costa estabelece uma relação direta entre escultura, dança e performance.

O artista italiano **Renato Leotta** (Turim, Itália, 1982) está representado na Coleção de Serralves com a obra *Alla Patria* [À Pátria] (2017). O seu trabalho baseia-se numa meticulosa observação da paisagem, através da qual o artista gera geografias irredutivelmente pessoais, povoadas de traços e fragmentos da realidade conjugadas com referências mitológicas, literárias e autobiográficas. A obra multidisciplinar de Leotta, muitas vezes matizada pela natureza geográfica de um determinado lugar, explora os limites do caráter dimensional das imagens, recorrendo a meios como processos fotográficos tradicionais, o vídeo, a instalação, a pintura e materiais de arquivo. *Alla Patria* faz parte de uma série de esculturas materializadas em cianótipos sobre mármore originário da província de Alto Adige, no norte de Itália.

O artista **Cabrita** (Lisboa, 1956), exemplo de um nome que já expôs individualmente no Museu de Serralves em duas ocasiões, estando presente na Coleção de Serralves com um amplo conjunto de obras muito representativo das diferentes facetas da sua prática, integra esta exposição com uma peça, *L'Oiseau mort* [O pássaro morto] (2018), que na sua simplicidade e aparente leveza (um mero saco de serapilheira), convoca a materialidade e o trabalho pesado (manual, industrial) normalmente implicado nas suas esculturas e instalações (muitas delas maças, remetendo para estaleiros de obras); convoca, além disso, o perigo e a violência (a morte enunciada no título): através de um rasgão no saco (o olho do pássaro) descobrimos que a sua leveza é mesmo aparente (contém afinal uma bola de madeira).

Do artista português **Carlos Bunga** (Porto, 1976) apresenta-se *Intento de conservación IV* [Tentativa de conservação IV], de 2015. Este trabalho refere-se aos protocolos de conservação e preservação das obras de arte, apresentando por trás de um vidro protetor um dos trabalhos pelos quais o artista é imediatamente reconhecido. Car-

tão e fita-cola são os materiais que Bunga utiliza para criar pinturas tridimensionais, esculturas e intervenções site-specific de grande escala. As suas construções efémeras são uma alusão às construções passageiras que podemos ver em contextos urbanos e que servem de abrigo a pessoas transientes, chamando a atenção para a precariedade e para a fragilidade. *Intento de preservación IV* confronta-nos com o problema da permanência e transmissão de obras eminentemente performativas e premeditadamente perecíveis.

Jorge Queiroz (Lisboa, 1966) apresenta-nos nesta exposição uma série de desenhos particularmente representativa da sua produção neste meio. A sua obra foi desde o início associada ao surrealismo, talvez porque se distinguisse pela criação de universos de cariz onírico - já se escreveu que "As suas representações oscilam entre o real e o fantástico, entre a figuração e a abstração. Figuras, arquiteturas, formas e paisagens fundem-se, fragmentam-se e metamorfoseiam-se. Elementos reconhecíveis conjugam-se com intrigantes formas híbridas e ambíguas [...]". Nos últimos tempos, o artista tem recorrido a meios digitais para engendrar composições em que parte de fotografias para mais uma vez confrontar o espectador com micronarrativas dispersas e fluidas, abertas a vários sentidos.

O fotógrafo **António Júlio Duarte** (Lisboa, 1965) integra a exposição com uma imagem da série "Peep Show" (1997), realizada nos anos 1990, quando fotografava exclusivamente a preto e branco. A expressão Peep Show designa uma exibição de imagens, objetos ou pessoas vistas através de um pequeno buraco ou lupa. A série fotográfica relaciona-se portanto com a ideia de uma coisa que se olha atentamente, num momento preciso e durante um espaço de tempo concreto, e que está isolada das outras coisas. "A intensidade com que se olha é muito importante nesta série", já afirmou o fotógrafo. Esta energia foi encontrada por

Antônio Júlio Duarte no Oriente: “Cada pessoa tem um território em que trabalha, um tema ou seja lá o que for. Eu não tenho propriamente temas de trabalho, mas o Oriente é um território onde me sinto bem. Estou sempre a voltar ao Oriente.” Talvez porque esta geografia esteja associada a megapólis: “Fotografo cidades movimentadas e pessoas atribuladas, criaturas encurraladas e coisas improváveis. São o meu mapa do mundo. Sou atraído por elas, movido pela simpatia e pelo desassossego que partilhamos. Travo conhecimento com estes seres inquietos nos seus afazeres triviais e disposições quotidianas, neles pressinto e tento captar a tensão vital que é o desejo universal pela vida e pelo sentido.”

A prática artística da norte-americana **Trisha Donnelly** (São Francisco, EUA, 1974) divide-se por meios tão variados quanto o desenho, áudio, vídeo, escultura e performance. Agrega esta diversidade o seu interesse em combater a racionalidade e a interpretação (manifesta, por exemplo, no seu interesse pelo ocultismo). Confrontados com as suas obras, os espectadores devem prescindir do entendimento racional, histórico, silogístico, rapidamente substituído por uma fluida associação de ideias. Não só as suas obras são irredutivelmente singulares, como promovem experiências perceptivas e interpretativas eminentemente individuais, baseadas nas memórias e vivências de cada indivíduo. O trabalho desta artista foi apresentado em 2016 na Casa de Serralves, numa exposição individual pensada para aquele espaço (que já foi doméstico) e onde se destacava o mesmo tipo de espectros que se pode intuir no desenho posteriormente integrado na Coleção de Serralves.

A prática artística de **Dayana Lucas** (Caracas, Venezuela, 1987) assenta no exercício quotidiano do desenho. Entendido pela artista como algo vivido com o corpo, o seu trabalho destaca a importância do processo, do gesto, da ação. O espaço vazio domina composições que resultam, segundo as

palavras da artista, de uma “conversa com o branco” do papel. Feitos de linhas ininterruptas, traçadas de um só fôlego, os seus desenhos exigem uma grande concentração, uma disciplina verdadeiramente física; também exploram a tensão entre urgência e suspensão, vigor e elegância, leveza. O diálogo com o branco da folha empresta às suas composições um dinamismo e uma energia particulares, fazendo de cada desenho um exercício austero, abstrato, mas visualmente muito rico em relações entre cheio e vazio, figura e fundo, peso e leveza, e impressões de movimento.

A exposição encerra com *Light* [Luz] (2010), um filme de 35mm de **Marijke van Warmerdam** (Amstelveen, Países Baixos, 1959). Ao longo de um *loop* de um minuto e 30 segundos, a mão da artista percorre as ripas de um estore. A luz do sol irrompe, iluminando a sala escura enquanto os seus dedos empurram, puxam e soltam as ripas. Depois de uma poderosa “varridela” pelo estore, a luz inunda o ecrã e o *loop* repete-se. Os *loops* dos filmes não-narrativos de Van Warmerdam transformam ações e objetos familiares em verdadeiras meditações sobre a vida quotidiana. A luz, ao suspender um momento no tempo e no espaço, é uma possível metáfora para a catarse e o sublime.

Para terminar, refira-se que algumas das obras apresentadas correspondem a doações e depósitos de artistas e colecionadores, num reconhecimento de que a Coleção de Serralves é um dos contextos em que elas são mais bem conservadas, estudadas e apresentadas. Razão para afirmar que a Coleção é um espelho da relação de Serralves com a comunidade artística, assumindo-se o Museu como uma verdadeira casa de artistas. As suas obras, o que elas representam em termos de posicionamento e de especulação face à arte e à vida são, como testemunha esta exposição, o nosso principal guia.

Artistas apresentados:

Carlos Bunga, Cabrita, Adriano Costa, José Pedro Croft, Trisha Donnelly, António Júlio Duarte, Carla Filipe, Renato Leotta, Dayana Lucas, Jorge Queiroz, Francisco Tropa, Marijke van Warmerdam.

HISTORY(IES) OF ART RECENT ACQUISITIONS IN THE SERRALVES COLLECTION

We all agree that a museum must not restrict itself to illustrate the history of future art (at least when it is understood as a discipline that tends to value canons and conventions or that, to a large extent, limits itself to a parade of safe, legitimized names). The narratives that are told in museums, namely through the exhibitions they organize, should add new histories to those that are already known, suggesting new perspectives on the past and hypotheses to think the future. Along with temporary exhibitions, museum collections also tell stories: stories of their past, present and future programming (many works are acquired in the wake of exhibitions, or anticipate solo shows by many artists who have been recently incorporated in the Collection); stories of the fundamental concerns shared by artists from a certain period (which can be rethought and reactivated in subsequent decades); stories of how each museum understands the relationship between artists from different generations (by establishing dialogues and bridges between works and artistic media that are seemingly distant and irreconcilable).

The title of this exhibition, *HISTORY(IES) OF ART: Recent acquisitions in the Serralves Collection*, is an immediate indication that the Serralves Collection is determined to incorporate stories that may contribute to question and re-write the history of art. By bringing together a substantial number of works that have been added to the Collection in the past four years, the show features a wide range of artistic media (drawing, collage, photography, film, sculpture, installation) and generations. On the one hand, this mirrors Serralves' programming history (and the attempt to form clusters that may represent the oeuvre of artists who have already been shown at Serralves) and, on the other, it points to new pathways and original perspectives,

i.e., to artists whose languages and motivations change our way of seeing and understanding the works collected over the course of time. In other words, a collection is a living organism that is considerably changed by each new work that is incorporated into it. Instead of constituting a mere accumulation, new acquisitions (and thence their importance) represent a significant transformation in the mode of understanding the whole.

Despite the diversity of media and generations, the exhibition reflects themes and concerns that have marked contemporary art in recent years: the integration of discarded everyday objects (José Pedro Croft, Cabrita, Carla Filipe); the valuing of instability, entropy and precariousness to the detriment of the orthogonal, the symmetric and the essentialist (Carlos Bunga, Adriano Costa, José Pedro Croft); the deliberate blurring of personal history and historic memory (Carla Filipe); the questioning of museologic and historiographic models designed to preserve and present the past (Carlos Bunga); the attention to elementary conditions - light, space, time - that allow for the perception of our immediate reality (Dayana Lucas, Marijke van Warmerdam); the relationship between contemporary artistic expressions and manifestations of art from the past (Jorge Queiroz, Francisco Tropa, Adriano Costa).

The exhibition opens with an installation by Portuguese artist **Carla Filipe** (Vila Nova da Barquinha, Portugal, 1973), which is representative of a work that blends autobiographical elements with information about certain political and social movements. Through drawings, collages and textiles, in which the artist resorts to the strategies of appropriation and accumulation, Filipe has been questioning the virtues of amateurism, of the ostensibly handmade or even of the apparently 'makeshift'. The installation, composed of ten large drawing/collages made during a

residency in Belgium, and shown so as to implicate and take advantage of the viewers' movement within the exhibition space, explores the historical relations between Portugal and Antwerp - namely the fifteenth century (from 1492 to 1497) expulsion of Sephardic Jews, who eventually settled in the Belgian city and whose presence proved instrumental in its cultural and financial development. The research, which allowed the artist to better understand the history of her own country, materialized mostly as collages and drawings appropriated from (and inspired by) school notebooks of the 1960s found by the artist in second hand markets (which are particularly present in Antwerp). The fact that Carla Filipe has decided to use pedagogical material is especially symptomatic of an artistic practice that keeps questioning our way of unconsciously absorbing the ideological systems that dictate 'historical facts'.

Once in the exhibition room proper, visitors come across a sculpture by **José Pedro Croft** (Porto, Portugal, 1957), one of the Portuguese artists who have more keenly explored the boundaries and definitions of that media. After many years examining and applying typologies and materials that are historically associated with sculpture (the monument, plaster...), the artist has widened the range of materials and elements (glass, mirrors, industrial objects, furniture...) to question how the media may move away from the constancy of the monument to relate instead to instability and precariousness. At the verge of an accident or already in pieces, many of his works point to sinister potentials... Exactly like this heap of doors topped by an unstable glass on a chair.

José Pedro Croft's visually impacting 'announced disaster' dialogues with one of the most discreet pieces in the exhibition: a sculpture by **Francisco Tropa** (Lisbon, Portugal, 1968) consisting 'only' of a small, hyperrealist, suspended apple transferred to

bronze. Like Croft, Tropa has also explored the properties, techniques and materials classically associated with sculpture (moulding, smelting, bronze, wood), in his case in order to decant the artwork so as to present it as an elemental, timeless manifestation. Despite its apparent humility and quasi-invisibility, the slightly bruised apple, which immediately points to *vanitas* and still lifes, confronts us as much with the idea of finitude as the spectacular potential collapse right by its side.

Bronze and smelting are a material and technique that can also be found in the sculptures by Brazilian artist **Adriano Costa** (São Paulo, Brazil, 1975). For many years exclusively associated with ordinary, domestic, discarded materials with which he engendered elementary compositions, the artist's sculptures now featured represent an inflection in his work, unabashedly revealing an interest for the sculptural tradition (immediately evident in the materials: bronze, iron and wood). However, the formal association with artistic movements such as minimalism can be deceiving: at the moment of 'composing', the artist chooses intuitive geometrical progressions and organic, musical qualities. The aim is to combine solidity and fragility. Exactly like José Pedro Croft, Costa favours instability, potential collapse and anti-monumentality in detriment of security and permanence, as unequivocally proved by the assembly instructions that accompany the pieces, in which the artist claims the total mobility and independence of each element (although it theoretically belongs to a certain work, it can be incorporated into another set). By referring to the composition of his sculptures as if dealing with choreographic instructions, Adriano Costa establishes a direct link between sculpture, dance and performance.

Italian artist **Renato Leotta** (Turin, Italy, 1982) is represented in the Serralves Collection with the piece *Alla Patria* [To the Homeland] (2017). His work is based on the

meticulous observation of the landscape, through which the artist generates geographies that are irreducibly personal and peopled by traces and fragments of reality combined with mythological, literary and autobiographic references. Leotta's multidisciplinary oeuvre, often tempered by the geographic nature of a specific place, explores the boundaries of the dimensional character of images by resorting to media such as traditional photographic processes, video, installation, painting and archival materials. *Alla Patria* belongs to a series of sculptures that materialize as cyanotypes on marble from the Alto Adige province, in the north of Italy.

Artist **Cabrira** (Lisbon, Portugal, 1956) is an example of a name who has had two solo exhibitions at the Serralves Museum, and of whom the Collection features an ample set of works representing the different facets of his practice. He is represented in this exhibition with the piece *L'Oiseau mort* [The Dead Bird] (2018), of which the simplicity and apparent lightness (a mere burlap sack) convoke the materiality and heavy work (manual, industrial) usually involved in his sculptures and installations (many of them massive or construction site-like); danger and death are also convoked (death is enunciated in the title): through a tear in the sack (the bird's eye) we discover that its lightness is truly apparent (after all, it contains a wooden ball).

Portuguese artist **Carlos Bunga** (Porto, Portugal, 1976) is represented by the 2015 piece *Intento de conservación IV* [Conservation attempt IV], a work alluding to the conservation and preservation of artworks. Behind a protective glass stands one of the artist's most recognizable works. Cardboard and tape are used by Bunga to create three-dimensional paintings, sculptures and large-scale, site-specific interventions. His ephemeral constructions, which draw attention to fragility and precariousness, are an

allusion to the transitory constructions that are found in urban contexts serving as shelters to the homeless. *Intento de preservación IV* confronts us with the problem of the permanence and transmission of eminently performative and deliberately perishable artworks.

Jorge Queiroz (Lisbon, Portugal, 1966) presents a series of drawings that is particularly representative of his production in this media. From early on, his oeuvre was associated with surrealism, perhaps because it stood out thanks to the creation of oneiric universes. About Queiroz' work it has been written that 'His representations oscillate between the real and the fantastical, between figuration and abstraction. Figures, architectures, forms and landscapes blend, fragment and undergo metamorphoses. Recognizable elements combine with intriguing and ambiguous forms [...]'. More recently, the artist has been resorting to digital media to engender compositions based on photographs that once again confront the viewer with scattered, fluid micronarratives open to various meanings.

Photographer **António Júlio Duarte** (Lisbon, Portugal, 1965) integrates the exhibition with an image from the series *Peep Show* (1997), which was produced in the 1990s, a time when he photographed exclusively in black and white. The expression 'peep show' designates an exhibition of images, objects or people seen through a small orifice or magnifying glass. The photographic series therefore relates to the notion of something that is watched, at a precise moment and for a concrete interval of time, and which is isolated from other things. According to the photographer, 'The intensity of the gaze is very important in this series'. This energy was found by António Júlio Duarte in the East: 'Each person has their working territory, a theme or whatever. I do not have work themes, but the East is a territory where I feel at ease. I find myself returning to the East again and again', perhaps because its

geography is associated with the megapolis: 'I photograph hectic cities and busy people, cornered creatures and unlikely things. They are my map of the world. I am drawn to them, moved by the empathy and disquiet that we share. I meet these troubled beings as they go about their trivial tasks immersed in their everyday moods; in them I try to capture the vital tension of the universal desire for life and for meaning'.

The artistic practice of American **Trisha Donnelly** (San Francisco, USA, 1974) covers a variety of media, such as drawing, audio, video, sculpture and performance; a diversity that speaks of her interest in fighting rationality and interpretation (which manifests as a passion for the occult, for instance). Confronted with her works, viewers must quickly relinquish rational, historical and syllogistic understanding by replacing it with a fluid association of ideas. Her works are not only irreducibly singular as they promote perceptions and readings that are eminently based on individual memories and experiences. This work was shown at the Serralves Villa in a solo exhibition that took into account the (once) domestic nature of the space and highlighted the same spectres that can be intuited in the drawing that was subsequently acquired for the Serralves Collection.

The artistic practice of **Dayana Lucas** (Caracas, Venezuela, 1987) is based on the daily exercise of drawing. Understood as something that is experienced with the body, her work stresses the importance of process, gesture and action. According to the artist, empty space dominates compositions that result from a 'conversation with the whiteness' of the paper. Made of uninterrupted lines drawn in a single gesture, her drawings require great concentration and a truly physical discipline; they also explore the tension between urgency and suspension, strength, elegance and lightness. The dialogue with the whiteness of the paper sheet imbues her compositions with a particular dynamism and energy, turning

each drawing into an austere, abstract exercise that is nevertheless visually rich in terms of relationships between fullness and emptiness, figure and background, weight and lightness and impressions of movement.

The exhibition closes with *Light* (2010), a 35mm film by **Marijke van Warmerdam** (Amstelveen, The Netherlands, 1959). The artist's hand slides across the slats of closed Venetian blinds during a one-and-a-half-minute loop. Sunlight bursts in illuminating the dark room as her fingers push, pull and release the slats. After a powerful 'sweep' of the blinds, light floods the screen and the loop repeats. The loops in Van Warmerdam's non-narrative films turn familiar actions and objects into veritable meditations about everyday life. By suspending a moment in time and space, light is a possible metaphor for catharsis and the sublime.

In conclusion, we should point out that some of the featured artworks consist of donations or loans by artists and collectors who recognize the Serralves Collection as one of the best contexts to preserve, study and show them. The Collection is a mirror of Serralves relationship with the artistic community and the Museum is a true artists' house. As this exhibition testifies to, their works, in their stance and speculative attitude towards art and life, are our main guide.

Featured artists:

Carlos Bunga, Cabrita, Adriano Costa, José Pedro Croft, Trisha Donnelly, António Júlio Duarte, Carla Filipe, Renato Leotta, Dayana Lucas, Jorge Queiroz, Francisco Tropa, Marijke van Warmerdam.

VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias.

Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h-13h/14h30-17h)

Minimum two-week advance booking is required. For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 a.m.–1 p.m. and 2.30–5.00 p.m.)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt
Tel. (linha direta/direct line): 22 615 65 00
Tel: 22 615 65 46

Marcações online em Online booking at www.serralves.pt

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

loja.online@serralves.pt
www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

Ter Tue-Dom Sun-Fer Holidays: 10h00-19h00

Seg Mon - Encerrado Closed

BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após à visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

Seg Mon - Sex Fri: 12h00-19h00

Sáb Sat-Dom Sun-Fer Holidays: 10h00-19h00

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

Seg Mon - Sex Fri: 12h00-18h00

Sáb Sat-Dom Sun-Fer Holiday: 11h00-19h00

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

Geral General line:
(+ 351) 808 200 543
(+ 351) 226 156 500

www.serralves.pt

[f](https://www.facebook.com/fundacaoserralves) /fundacaoserralves

[t](https://twitter.com/serralves_twit) /serralves_twit

[i](https://www.instagram.com/fundacao_serralves) /fundacao_serralves

[y](https://www.youtube.com/serralves) /serralves

Apoio institucional
Institutional support



 **REPÚBLICA
PORTUGUESA**
CULTURA

Mecenas da Exposição
Sponsor of the Exhibition



Mecenas do Museu
Sponsor of the Museum

